

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
15 de abril de 2023

SEVEN / 1995 (*Sete Pecados Mortais*)

Um filme de David Fincher

Realização: David Fincher / **Argumento:** Andrew Kevin Walker / **Fotografia:** Darius Khondji / **Som:** Willie D. Burton, Patrick Dodd / **Montagem:** Richard Francis-Bruce / **Direcção Artística:** Gary Wissner / **Cenografia:** Clay A. Griffith / **Efeitos Especiais:** Danny Cangemi / **Efeitos Visuais:** Greg Kimble / **Música Original:** Howard Shore / **Interpretação:** Morgan Freeman (Detective William Somerset), Brad Pitt (Detective David Mills), Kevin Spacey (John Doe), Gwyneth Paltrow (Tracy Mills), R. Lee Ermey (Capitão da Polícia), Andrew Kevin Walker (Homem Morto), Daniel Zacapa (Detective Taylor), John Cassini (Agente Davis), Bob Mack (Pecado da Gula), Peter Crombie (Dr. O'Neill), Reg E. Cathey (Médico-Legista), Endre Hules (Taxista), Richard Roundtree (advogado Martin Talbot), Gene Borkan (Pecado da Avareza), Michael Reid Mackay (Pecado da Preguiça), Richard Portnow (Dr. Beardsley), Cat Mueller (Prostituta, Pecado da Luxúria), Heidi Schanz (Pecado do Orgulho), Richard Shiff (advogado)

Produção: New Line Cinema / **Produtor:** Phyllis Carlyle / **Cópia:** 35 mm, cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 127 minutos / **Estreia mundial:** EUA e Canadá, 22 de Setembro de 1995 / **Estreia em Portugal:** Cinemas Fonte Nova, Monumental, Quarteto, São Jorge, 2 de Fevereiro de 1996

Seven é apresentado em "double bill" com **Le Sept Péchés Capitaux**, de vários realizadores ("folha" distribuída em separado).

A projecção decorre com um intervalo de 20 minutos entre os dois filmes.

Um obeso mórbido rebenta de tanto comer esparguete (gula). Um advogado judeu a quem é retirada shakespearaneamente uma libra de carne (avareza). Um homem amarrado a uma cama durante um ano (preguiça). Uma prostituta rasgada por dentro com um dildo aguçado (luxúria). Uma beldade que prefere morrer a ficar desfigurada (orgulho). E depois, com uma surpresa que vai sendo longamente anunciada, a inveja e a ira castigadas. «*He's preaching*», diz o tenente Somerset sobre o assassino, e tem razão.

Ao contrário de muitos filmes que tratam o crime como acto tresloucado ou trauma pessoal, *Seven* sugere que o crime decorre naturalmente de uma sociedade em que o mal está disseminado. Uma sociedade em que o mal deixou de ser visto como mal. O assassino de *Seven* escolhe matar de acordo com os pecados mortais porque é um moralista. Sente repugnância pelo mundo actual, e os seus crimes são uma forma de pregação. Mergulhado em religião, convicto de que é um enviado de Deus, o homicida de Kevin Spacey é um vingador do Antigo Testamento, que vem castigar os pecadores com uma violência desmesurada. Sodoma e Gomorra pecaram? Então que sejam arrasadas.

Seven está construído numa dualidade que não é verdadeiramente uma oposição: o niilismo e a cultura. As personagens vivem mergulhadas num mundo hostil, insistentemente figurado em chuvas diluvianas, casas degradadas, interiores glaucos e, claro, no instável apartamento de David Mills que abana com a passagem das carruagens de metro. Não é um mundo em que apeteça gerar uma vida nova, como a certa altura se discute a propósito da gravidez de Tracy (Gwyneth Paltrow). Nem a violência impede a apatia do mundo moderno, pelo menos desde que a violência não nos diga directamente respeito: por isso é que uma mulher violada deve gritar «fogo», porque as pessoas temem o fogo mas não se desviam do seu caminho para impedir uma violação. Somerset diz que já não entende este mundo, e sabe que o seu papel é apenas burocrático: um polícia acumula relatórios, provas, suspeitos, e depois os assuntos são arquivados. Tal como viria a fazer detalhadamente em *Zodiac* (2007), David Fincher vê a polícia como uma corporação «procedimental», que investiga tudo e não resolve nada.

A diferença entre o quase reformado Somerset e o seu substituto Mills é a cultura. Fincher fetichiza a cultura, sobretudo a cultura livresca, sugerindo que a cultura nos dá uma chave de compreensão, embora não de salvação. Se a investigação do crime dos pecados mortais é bem encaminhado, é porque Somerset tem umas luzes teológicas e literárias, porque frequenta bibliotecas e conhece os clássicos. O aparente caos da mente criminosa corresponde a uma ordem do domínio cultural: não procurem pegadas e impressões digitais, procurem sobretudo *A Divina Comédia*, os *Contos de Canterbury*, a Bíblia, o *Paraíso Perdido*. É esse universo antigo da cultura que ajuda Somerset, ao passo que Mills nunca leu nada, e se documenta com *Cliffs Notes* [Cá diríamos: *Apontamentos Europa-América*]. Os diálogos reforçam uma e outra vez essa ideia de que Mills é inculto, e Somerset já está de prevenção (sobre o romance do seu homónimo Somerset Maugham *Of Human Bondage*, diz a Mills: «*Not what you think*»). A cultura é uma arma de investigação, embora não traga necessariamente a verdade. É ainda uma espécie de consolo para o velho, embora o jovem não acredite nisso. Percebendo que o assassino também é letrado, Mills faz pouco disso, e junta uma referência à cultura de massas: «*Just because the guy has a library card, that doesn't mean he's Yoda*».

Brad Pitt tem aqui uma das suas composições mais cuidadas, num reguila cheio de confiança e de angústia recalcada e que se imagina um optimista entre os pessimistas. O contraste com Somerset é claro: o velho é meticuloso, pausado, reflexivo e triste. Tornou-se um niilista em desespero de causa, mas não se tornou amoral. O jovem é impulsivo, tagarela e imaturo. Esta experiência de parceria entre dois homens diferentes (um tema clássico dos filmes) vai dar razão a Somerset: não se trata de investigar o inferno, mas de viver desde já no inferno. Os crimes, especialmente perversos e sádicos, não relevam de um gosto pelo sofrimento, como acontece no lamentável subgénero conhecido como «*torture porn*»: em *Seven*, eles ilustram o colapso moral em que vivemos. A frase final do filme é programática: «Ernest Hemingway escreveu que o mundo é um sítio maravilhoso e que vale a pena lutar por ele. Concordo com a segunda parte». O mundo não é maravilhoso mas horrível: um mundo onde as pessoas sofrem tanto como aquele desgraçado que é obrigado a comer a própria língua. Este *serial killer* é um génio e um louco, como o Hannibal Lecter de *O Silêncio dos Inocentes*, mas é sobretudo uma consciência enlouquecida, um anjo vingador que caça os pecados, obriga à contrição forçada dos pecadores e deixa pistas para que o apanhem e publicitem. Mills está errado quando diz: «*You're no Messiah (...) You're a fucking T-shirt, at best*». Na verdade, o assassino traz a única salvação possível, que é a expiação universal. Claro que vale a pena lutar contra ele, e a favor do mundo. Mas que ninguém diga que é um sítio maravilhoso.

Pedro Mexia